

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento básico da anatomia permaneceu um dos princípios fundamentais das ciências da saúde durante séculos. A Anatomia Humana é a “física” das ciências médicas.⁽¹⁾ A Anatomia Humana começou como ciência puramente acadêmica e descritiva, com o intuito principal de identificar e nomear as estruturas do corpo. Atualmente sua importância está em sua abordagem funcional e nas aplicações clínicas.⁽²⁾ Segundo Gardner, Gray e O’Rahilly,⁽³⁾ a origem da anatomia grega foi no Egito, porém nenhum deles influenciou as culturas que os sucederam.⁽²⁾

O período científico começa na antiga Mesopotâmia, cerca de 3000 anos atrás em blocos de argila em escrita cuneiforme e permanece até os dias atuais. A história da anatomia mantém um paralelo com a dissecação de cadáveres humanos e, durante muitos séculos, serviu como base para entender a estrutura e a função do corpo humano.⁽²⁾ O grande desenvolvimento intelectual da anatomia começou na idade dourada da Grécia, pois os gregos demonstravam esforços incessantes para compreender as funções do corpo humano vivo e, ao mesmo tempo, construir um sistema coerente das funções⁽⁴⁾ e as descrições relatadas por Homero da anatomia das feridas eram de uma precisão incontestável.⁽²⁾

Hipócrates (470-337 a.C.), o mais famoso médico grego, foi o primeiro a escrever sobre a Anatomia Humana, sendo considerado o pai da medicina em função dos princípios éticos e da prática médica que estabeleceu.⁽²⁻⁴⁾ Hipócrates não se restringiu ao sentido *stricto senso* da anatomia, podendo também ser considerado o pai da Medicina Holística, visto que advogava a

importância do relacionamento médico-paciente e a identificação da doença no diagnóstico e no tratamento da doença.⁽⁴⁾ Sua popular *teoria humoral* de organização do corpo foi abandonada há muito tempo, mas durante 2.000 anos dominou o pensamento médico. Sua maior contribuição foi a atribuição de causa naturais às doenças ao invés da desaprovação dos deuses. A partir de sua lógica e razão aplicadas à medicina, surgiu a medicina de observação.⁽²⁾

Aristóteles (384-322 d.C) foi considerado por Charles Darwin como o maior cientista natural do mundo. Discípulo de Platão, Aristóteles era considerado um dos filósofos mais influentes de seu tempo.⁽²⁻⁴⁾ O seu idealismo predominante na filosofia e ciência manteve o mundo simplesmente especulando sobre a dimensão de seus trabalhos, esperando que a renascença introduzisse as novas ideias do empirismo.⁽¹⁾ No século III d.C, o estudo da medicina e da fisiologia floresceram em Alexandria, no Egito.^(1,2) Infelizmente, as contribuições eruditas e o desenvolvimento científico de Alexandria não perduraram. Dois homens, Herófilo (325-255 a.C), médico e cirurgião, seguidor dos conceitos hipocráticos, e Erasistrato (310-325 a.C), chamado pai da fisiologia, fizeram as contribuições mais duradouras para o estudo da anatomia.⁽¹⁻³⁾

Após a queda do Império Romano, o progresso no desenvolvimento da anatomia foi mínimo, abafado pela doutrina, filosofia e prática da era do autoritarismo, também conhecida como a Idade do Obscurantismo.^(1,2) O advento da renascença, aproximadamente 1.000 mais tarde, testemunhou o renascimento do desenvolvimento da anatomia.⁽¹⁾ Claudio Galeno (130-201 d.C.) foi o escritor mais influente de todos os tempos em assuntos médicos. Durante aproximadamente 1.500 anos, os escritos de Galeno representaram a

maior autoridade em anatomia e no tratamento médico.⁽¹⁻³⁾ Celsus teve uma influência limitada, provavelmente por causa do uso do latim ao invés do grego, porém, o valor de sua enorme contribuição só foi reconhecido no Renascimento.⁽²⁾

A Idade Média, denominada de Idade do Obscurantismo, começou com a queda Roma e durou até 1.453. A Igreja Cristã suprimiu a ciência e estagnou as atividades médica.⁽²⁾ Os povos de língua árabe contribuíram muito para a história da anatomia. Com a expansão do Islã pelo Oriente Médio e Norte da África, durante o século VIII, diversos manuscritos foram levados para os países árabes onde foram traduzidos do grego para o árabe. Somente no século XIII as traduções árabicas foram traduzidas para o latim.^(2,5)

O Renascimento estendeu-se do século XIV ao XVI, considerado um período de transição entre a Idade Média e Idade Moderna da ciência. Universidades foram estabelecidas em Bolonha, Salerno, Pádua, Montpellier e Paris. Os principais avanços em anatomia foram decorrentes das habilidades artística e científica de Leonardo da Vinci e Andreas Vesalius, séculos XV e XVI.^(2,5) A Nomenclatura Anatômica foi criada por Jacó Sílvio (Jacques Dubois, 1748-1555). Houve o estudo da anatomia comparativa por Belon, Fabrício AbAquapendente e Coiter, entre outros.^(1,2,5) Bartolomeu Eustachii (1524-1574) só publicou suas famosas pranchas anatômicas em 1714. Três anatomistas se destacaram neste época: Canano, Colombo e Falópio.⁽²⁾

Nos séculos XVII e XVIII, a anatomia atingiu aceitação inigualável. Duas das contribuições mais importantes foram a explicação da circulação sanguínea, por William Havey (1578-1657), o desenvolvimento do microscópio, por Zacarias Jansen e a anatomia microscópica fundada por Marcelo Malpighi

(1628-1694). A anatomia patológica foi fundada por Giovanni Battista Morgagni (1682-1771). Anatomistas de destaque foram Albino e Winslow. A embriologia moderna foi estabelecida por Caspar Friederich Wolff (1733-1794).^(2,3,5)

Nos séculos XIX e XX ocorreu a formulação da teoria celular, os tecidos foram genericamente classificados em 1801, por Xavier Bichat (1771-1802). Destacam-se dois anatomistas eminentes Astley e Cooper. Diversos “scópios” foram inventados entre 1819 e 1899, facilitando o estudo da anatomia *in vivo*.^(2,3) Uma inovação que ganhou destaque, no início do século XX, foi a simplificação e padronização da nomenclatura, pois existiam, então, 30.000 termos para estruturas do corpo humano, muitos dos quais eram redundantes.

Assim, em 1895, na tentativa para reduzir a confusão e após séculos de acumulação de termos, um grupo de anatomistas, liderados por morfologistas alemães renomados, especialistas em estruturas macroscópicas, embriologistas e histologistas preparou uma lista de nomes para servir como vocabulário padrão oficial para todas as ciências da saúde. A lista publicada, sob a liderança de His, reduziu-se a 5.600 nomes e ficou conhecida como a *Basle Nomina Anatomica* (BNA).^(2,6-13) Com a introdução e a adoção dessa nomenclatura anatômica latina padrão em muitos países, a confusão foi eliminada.⁽¹²⁾

Com a interferência na comunicação internacional durante a I Grande Guerra e revolta de tendências nacionalista, conseqüentemente provocou revisões independentes da BNA, no Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos. Essas revisões ficaram conhecidas como *Jena Nomina Anatomica* (JNA) ou (INA).^(2,8,10,11,13) Em 1903, a *International Federation of Associations of Anatomists* (IFAA) foi fundada e começou a revisar a nomenclatura. A

nomenclatura tornou-se conhecida como a *Birmingham Revision* (BR).^(3,6,8,10,11,13)

O *International Anatomical Nomenclature Committee* (IANC) estabelecido pela IFAA lançou a primeira versão da nomenclatura anatômica latina mundialmente aceita, a *Parisiensis Nomina Anatomica* (PNA), posteriormente conhecida como *Nomina Anatomica* (NA).^(3,6,8,10,11,13) Uma nova comissão foi nomeada, a *Federative Committee on Anatomical Terminology* (FCAT), mudando posteriormente para *International Committee on Anatomical Terminology* (FICAT) 1989. Até o momento a última revisão ocorreu em 1998, como a *Terminologia Anatomica*, com o subtítulo de *International Anatomical Terminology* (TA).^(3,6,8,10,13)

Entre os princípios adotados pela nova TA, os epônimos foram banidos.⁽³⁾ Na linguagem científica “epônimo” é usado para formar um termo ou expressão a partir do nome de uma pessoa.^(3,14-19) Em anatomia convém evitar os epônimos, pois seu uso é quase sempre fortuito, nada informam sobre o tipo de estrutura implicada e frequentemente faltam à verdade histórica, porque, em muitos casos, a pessoa homenageada não foi a primeira descrever a estrutura.^(3,19) Woydtand Matteson⁽²⁰⁾ afirmam que aos epônimos falta precisão, causam confusão e obstruem a discussão científica, porém, Whitworth,⁽²¹⁾ defende a importância dos epônimos, pois trazem vida à medicina e estão entranhados nas tradições médicas e cultura de nossa história. Segundo a autora, se retirarmos os epônimos da medicina, devemos também retirar o número de Avogrado, a Lei de Boyle, o Joule, o Kelvin, o Hertz, o Watt e o Volt que dão apoio?

Uma vez que grande parte das publicações científicas em Anatomia e

Medicina encontra-se em língua inglesa e, muitas vezes, os dicionários e recursos de busca disponíveis não dão conta das ocorrências específicas nesta área e nem estão à disposição de todos, pretender-se-á, a partir da experiência de consulta e material de trabalho do autor, elaborar uma lista de termos anatômicos oficiais e oficiais alternativos de todas as especialidades e subespecialidades das áreas e subáreas da saúde, tornando mais fácil, a já difícil e árdua tarefa de traduzir e ler um texto médico em língua inglesa.

O resultado da pesquisa será um vocabulário anatômico, com aproximadamente 7.683 termos em inglês/português/espanhol, bem como seus respectivos radicais greco-latinos, e um vocabulário eponímico oficial, reconhecido pelas Terminologias Anatomicas Internacionais, que poderão ser utilizados, por estudantes e professores dos cursos de medicina, de enfermagem e de Tradução, estudantes e demais profissionais da área de saúde. A depender da maneira como for usado, poderá vir a ser um valioso auxiliar para médicos, estudantes da área de saúde, e tradutores, que lidam com a Terminologia Anatômica, assim como com a Linguagem Médica.

Poderemos definir estes vocabulários anatômico e eponímico como uma lista de verbetes inglês/português/espanhol, empregados de maneira técnica nas traduções, leituras e publicações médicas em geral. Não teria a pretensão de ser um dicionário de Anatomia, muito menos de descrever os termos da Terminologia Anatômica Internacional, mas sim, integrá-los de forma coerente, principalmente em comparação com a Terminologia Anatômica Brasileira, produzida pela sociedade Brasileira de Anatomia (SBA) e de forma acessível ao público-alvo.

A proposta de utilizar os termos anatômicos oficiais e oficiais alternativos

mais empregados nos textos das áreas e subáreas da saúde virá responder à necessidade vigente de material didático específico para subsidiar traduções. Ao elaborar um vocabulário de termos anatômicos oficiais e oficiais alternativos, bem como de termos eponímicos empregados pelos escritores e profissionais da área da saúde, no âmbito internacional, desconhecidos ou de difícil Tradução, e não-dicionarizados, vêm responder, também, a uma solicitação dos profissionais da área, tendo em vista a necessidade de material didático específico para fins de Tradução e compreensão dos textos.

O Vocabulário anatômica e eponímico Inglês/Português/Espanhol constituir-se-á de obra com linguagem clara e precisa, em que os termos serão apresentados e traduzidos de modo simples e elucidativo, apontando as inadequações, incoerências e as dificuldades de uso da Terminologia Anatômica.

A confecção deste vocabulário de termos anatômicos e eponímicos não representará um ato isolado, mas será parte de todo um processo extenso de aprendizado de Terminologia anatômica, termos médicos, Linguagem Médica, pesquisa bibliográfica, consulta a especialistas em suas diversas áreas de atuação e, principalmente, de um elaborado trabalho de adequação de palavras para o vocabulário português, sem prejuízo da Linguagem Médica e sem neologismos.

Ao colocá-lo à disposição do público interessado, esperamos que este seja um material de fácil manuseio e que possa proporcionar ampliação do vocabulário técnico-científico e o entendimento dos termos especificados, aos profissionais da saúde e aos tradutores. Este trabalho será concebido e estruturado de maneira a permitir acesso mais fácil aos elementos-chave do

trabalho terminológico e a fornecer um percurso orientado das etapas que levam à realização de um produto destinado aos usuários de Terminologias especializadas.

Os objetivos da presente Tese de Doutorado visam fazer uma análise crítica multilíngue de aplicabilidade tanto da terminologia anatomomédica quanto da terminologia anatômica e proposições para uso em Ciências da saúde; realçar a linguagem anatomomédica como justificativa anatomolinguísticas das inadequações da Tradução; justificar tanto os termos de uso corrente quanto os termos das obras terminológicas (em Inglês/Português/Espanhol).